

# Economia pós-moderna

Nelson Oliveira  
Da equipe do **Correio**

Quando conversamos com o piauiense João Paulo dos Reis Velloso, a economia ganha movimento, como se estivéssemos assistindo a um filme. Dados sobre a produção industrial, por exemplo, não aparecem organizados numa tabela — são quase cenas de um roteiro que encadeia fatos, idéias e simbologia para projetar interpretação muito pessoal da realidade.

Velloso, 67 anos, consegue esse efeito não só porque é um dos maiores economistas brasileiros, mas também porque é um apaixonado por cinema. Na pequena Parnaíba dos anos 30 e 40, aproveitou ao máximo o ingresso permanente que o pai tinha para o cinema local. Tendo assistido aos filmes dezenas de vezes, tornou-se um observador arguto do ofício cinematográfico.

Provavelmente por isso, em economia, não se deixa apanhar por simplificações e visões estanques. “Dinamismo” é uma das palavras que mais aprecia quando fala e escreve. Ex-ministro do Planejamento nos governos Médici e Geisel (1969 a 1979) e um dos economistas-símbolo da fase conhecida como nacional-desenvolvimentismo (1930-1980), Velloso olha com desconfiança para a excessiva importância que atribuem ao papel da substituição de importações no desenvolvimento industrial brasileiro — em oposição ao modelo atual de abertura ao produto estrangeiro. “A substituição de importações teve uma importância mais qualitativa e dinâmica”, corrige Velloso. Ele explica que a exportação e a demanda interna também foram fundamentais para consolidar a industrialização. “Na época do Milagre Econômico (1968-1973), a substituição de importações foi até negativa”, esclarece.

No dia 30, Velloso estará coordenando no Rio os trabalhos de mais um Fórum Nacional, instituição que desde 1988 congrega cerca de cem dos principais economistas, sociólogos e cientistas políticos do país. Desta vez o tema do Fórum será “A Crise Global e A Estratégia do Novo Governo”. Enquanto se preparava para o evento, que será aberto pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, Velloso concedeu entrevista exclusiva ao **Correio Brasileiro**. Eis os principais trechos.

## AJUSTE FISCAL

*O pacote fiscal não é apenas uma maneira de sair da crise externa. Também viabiliza a inserção do país na economia global*

Pode-se fazer reparos a esta ou aquela medida do pacote — seria preciso mais ênfase nos os cortes na Previdência, principalmente em estados e municípios —, mas o governo está na direção certa. Esta é uma guerra tão importante quanto a da estabilidade dos preços em 1994. O ajuste fiscal na verdade assegura a estabilidade dos preços e a continuação do ciclo de investimentos iniciado nos últimos três anos e a inserção na economia global. O crescimento não pode ser movido apenas pelo mercado interno, mas pode ser acionado pelos investimentos em infra-estrutura e outros setores. Uma linha de ação importante é a expansão das exportações, se bem que nesse momento dificultada pelo freio na economia mundial provocado pela crise das bolsas. Acho que chegou a hora de se abrir linhas de financiamento para que as empresas passem a exportar produtos com novas tecnologias. Chegou o momento também de as multinacionais participarem do esforço de exportação e não apenas se contentarem com o mercado interno.

## BRASIL NO MUNDO

*Devemos seguir o curso indicado pelos países ricos, mas é possível discutir as maneiras de fazer a abertura ao exterior*

O que importa é que o Brasil conquiste seu espaço como uma

economia internacionalmente competitiva, dentro da linha que trilha o mundo desenvolvido. É o *main stream* — curso principal — de que fala o ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia. Temos que abandonar de vez alternativas não viáveis num mundo globalizado. Quando a oposição fala em alternativa, está falando do que não existe. Mas é possível discutir como fazer a abertura. É importante ter políticas estruturais que procurem fortalecer o país, apoiando a indústria nacional para competir com os produtos importados e exportar mais. O problema é que a nossa pauta de exportações ainda é pouco diversificada. É quase a mesma de 1983. Precisamos de produtos mais diversificados tecnologicamente. É preciso ainda se livrar de rótulos que só atrapalham. Esse negócio de países emergentes não existe. Não vejo a menor semelhança entre o Brasil e os países asiáticos ou a Rússia. Economicamente estamos num mundo em que existem diversos agentes. Os estados nacionais continuam sendo os principais agentes, mas têm de lidar com as multinacionais e os blocos regionais. Problemas da globalização como o desemprego têm

que ser resolvidos com crescimento, redistribuição e com uma visão humanista, investindo-se em saúde e educação.

## CRISE GLOBAL

*A liderança dos Estados Unidos é fundamental para vencer a crise, mas é preciso observar o Japão e a China*

Não há grande semelhança entre essa crise e outras do passado, como o *crash* de 29. Temos que observar a atuação firme dos Estados Unidos como liderança mundial (papel recusado pela Grã Bretanha na década de 30) e a solidez da economia norte-americana. A ação emergencial para fazer frente à crise — a ação do Grupo dos Sete (G-7) mais o pacote de ajuda ao Brasil — está surtindo bons resultados. Ainda não se sabe o que acontecerá com o Japão e a China. Resta agora encontrar uma solução para disciplinar o fluxo de capitais de modo que estes funcionem como propulsores do investimento e não como massa de recursos especulativos.

Uma das grandes lições da crise foi a quebra da ilusão quanto à possibilidade de se conviver com altos déficits na conta corrente do balanço de pagamentos — financiamento das importações com aplicações estrangeiras de curto prazo. A poupança externa tem que ter um caráter apenas suplementar. E não podemos cair de novo no conto dos países emergentes, que consistiu na oferta abundante de dinheiro seguida de fuga e da crise que atingiu a Ásia, a Rússia e o Brasil.

## NACIONAL

### DESENVOLVIMENTISMO

*Estamos vivendo um outro período, mas ainda se fala de maneira equivocada sobre substituição de importações*

É por comodidade que vamos aceitando que o modelo anterior — que cumpriu muito bem o seu papel — era baseado na substituição de importações. Naquele período o Brasil também exportou muito e se beneficiou da demanda interna. A substituição de importações tinha importância mais qualitativa e di-

nâmica por criar novas áreas para a produção industrial. Durante o Milagre Brasileiro, entre 1968 e 1973, a substituição de importações foi negativa. O que predominou foram a exportação e o mercado interno. Durante o 2º Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), entre 1975 e 1979, a substituição de importações e exportações ficaram equilibradas. Política econômica não é ciência, é arte. Existem grandes economistas que não sabem fazer política econômica. Eu gostaria de ser visto como um estrategista do desenvolvimento econômico.

## ESQUERDA E DIREITA

*A esquerda moderna aceita o mercado como a forma normal de organização da economia*

Continuam existindo e sempre existirão. O que aconteceu não foi o desaparecimento das ideologias, é que saímos de ideologias rígidas para as ideologias *soft*, como tem sido dito. A esquerda moderna aceita o mercado como a forma

normal de organizar a economia, mas mantém a preocupação com o desenvolvimento humano. Está mais preocupada com os resultados do que com os meios. A nacionalização da produção foi abandonada por todos os partidos de esquerda. O que é válido na Terceira Via (corrente social-democrata liderada pelo primeiro ministro Inglês, Tony Blair) é que não se prenda a posições estatizantes, embora se recusa a descambar para o neoliberalismo fundamentalista.

## LOUCO

### POR CINEMA

*É o lazer diferente da diversão massificada da TV. O cinema também é instrumento da identidade nacional*

O cinema teve sempre grande importância para mim. Em Parnaíba, onde nasci, no começo dos anos 40, o meu pai tinha uma permanente (ingresso permanente) para o único cinema. Eu podia ver filmes todos os dias. Na verdade vi vários filmes muitas vezes. Os que mais me marcaram foram *Tempos Modernos* e *Luzes da Cidade*, ambos do Charles Chaplin. Eu curto cinema como uma arte característica do Século 20. Veja como o cinema mudo foi importante para os imigrantes que chegavam aos Estados Unidos no início do século. Eles não sabiam ler, mas isso não os impedia de ir ao cinema. É o lazer do grande número sem ser diversão massificada como a TV. O cinema também é instrumento da identidade nacional.

Da produção recente do cinema brasileiro posso citar bons filmes. Três exemplos são *O que é isso, companheiro*, *Central do Brasil* e *Guerra de Canudos*. A Embrafilme foi uma experiência positiva, seguida pelos erros de política do início dos anos 90. Agora o cinema está retomando sua força. Gosto de todos os gêneros e tenho até uma videoteca em casa. Acho que o cinema brasileiro deveria ocupar mais espaço na TV.

## DITADURA MILITAR

*Cheguei mesmo a colocar num documento do governo um capítulo sobre a abertura gradual na política*

Certamente tive dúvidas (em participar de governos militares). Qualquer pessoa teria. Cheguei à economia tendo preocupações anteriores que eram de cunho humanista. Quando desembarquei no Rio, estava mais interessado em arte e literatura. Era para ser médico ou advogado. Como fiz concurso para o Banco do Brasil, acabei me encaminhando para a economia. Em 1964 estava em Yale fazendo mestrado (ele se formara em 1960 pela Universidade do Rio de Janeiro). A minha tese é de que o movimento (de 1964) deveria ter sido curto para normalizar a situação e realizar reformas. Foi um erro que ele se prolongasse. O que houve depois foi o interesse de certas correntes que o regime retomasse o espírito inicial e se fizesse a redemocratização, mas veio a doença do presidente Costa e Silva. O governo Médici começou com a promessa de restabelecimento da democracia. Cheguei mesmo a colocar no texto do documento do governo de metas e bases um capítulo sobre a abertura gradual na área política, mas isso foi retirado do texto. Havia idéias nesse sentido e não sei bem porque as reuniões no gabinete civil não produziram resultados. Como é sabido, o governo Geisel se iniciou sob o signo da abertura dentro de limites viáveis e o futuro mostrou que ele estava certo. A idéia do presidente foi muito simples: abrir progressivamente. O Planejamento, quando eu era ministro, funcionou de forma pluralista. Tanto que o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e a Finep (Financiadora de Estudos e projetos) eram abrigo dos economistas da oposição. O mais são problemas de consciência que cada um tem que resolver.



/// Imagem manipulada em computador /// Toni Lucena